

O multívio gênero épico

The multi-pathway epic genre

Além de nos oferecer a primeira exposição doutrinária a respeito do gênero épico, Aristóteles, em sua *Poética*, registrou as diferenças entre poesia e história: a primeira, no seu entendimento, volta-se para ações possíveis, plausíveis e/ou prováveis; a segunda, por sua vez, é concebida como narrativa sobre a *alétheia* dos acontecimentos, detendo-se no particular. Em suma, a história teria por objeto verdades desprovidas de ornamentos ou floreios linguísticos e a poesia, por ser mais filosófica e, conseqüentemente, universal, não precisaria se ater à sucessão cronológica dos fatos: quando trata de matérias históricas, ela o faz em detrimento da verossimilhança.¹ As distinções sugeridas, no entanto, não devem ofuscar os nexos existentes entre o canto poético do aedo inspirado e as narrativas históricas registradas como fruto de testemunhos (in)diretos. Os trabalhos reunidos neste dossiê levaram em consideração os preceitos aristotélicos e analisaram diferentes epopeias com base em seus códigos linguísticos, concebendo-as como fontes promissoras, e não mais como obras de “ficção” românticas potencialmente ricas em epígrafes, como se integrassem as margens da história.

A leitura de uma epopeia requer paciência, persistência e prudência – virtudes que se manifestam muito timidamente no século XXI: paciência porque a empreitada é vagarosa; persistência para não desistir frente às inúmeras dificuldades que os poemas vão proporcionar; e prudência para encará-los a partir de seus preceitos, e não dos nossos. Uma leitura destituída desses elementos pode até trazer algum deleite decorrente de passagens eloquentes e fórmulas mitológicas, mas, do ponto de vista histórico, trata-se de uma abordagem anacrônica, pois desconsidera o contexto de sua produção/circulação, como se toda prática letrada fosse “literatura” e, portanto, uma invenção do romantismo. Nosso propósito foi conceder ao leitor a oportunidade de singrar pelos mares tempestuosos das empresas heroicas munido de uma bússola teórica capaz de orientá-los durante a travessia.

Quando, nos séculos XIX e XX, arqueólogos investiram recursos e esforços para escavar cidades soterradas do Oriente Médio, acabaram assumindo o protagonismo em descobertas cuja importância não é mensurável. Jacyntho Brandão, no primeiro artigo do dossiê, apresenta-nos um poema babilônico intitulado “Ele que o abismo viu”, também conhecido como “Epopeia de Gilgámesh”, por meio do qual acompanhamos a saga do quinto soberano de Úruk que reinou após o dilúvio. As tabuinhas encontradas permitem supor que o primeiro fragmento dessa jornada remonte a 2.100 a. C., muitos séculos antes da redação dos poemas homéricos, objeto de estudo do texto seguinte, de Ana Tereza Gonçalves e Marcelo Sousa. Valorizando as contribuições provenientes dos achados arqueológicos, da linguística e da filologia, os autores retomam algumas maneiras verossímeis de se estudar a *Iliada* e a *Odisseia*, destacando a importância da decifração do Linear B nessa empreitada.

O artigo de Thiago Mota debruça-se sobre o livro VIII da *Eneida*, analisando a consagração da *urbs* por intermédio da figuração dos heróis “fundadores”. Para tanto, ele se concentra naquilo que denominou

¹ ARISTÓTELES. *Poética* (edição bilíngue). São Paulo: Editora 34, 2015, 9.1451^a.

“arquitetura temporal” do poema, ou seja, tradições plurais erigidas em diferentes circunstâncias, para ressaltar o caráter sacro de determinados sítios romanos, oferecendo aos leitores critérios capazes de conferir sentido à *res publica* encabeçada por Otávio Augusto. O trabalho de Leni Leite, por sua vez, brindou-nos com uma incursão pela epopeia *Farsália*, de Lucano, concebida como obra historiográfica na medida em que se aproxima da produção de historiadores como Tito Lívio e Plínio, o Velho, e não tanto de poetas renomados e integrantes do costume (*consuetudo*) como Virgílio e Ovídio. Para fechar esse segundo bloco, Natan Baptista estuda a *Argonáutica*, de Valério Flaco. Além de dar conta da maneira como o poeta emulou a tradição do gênero, o autor aborda as descrições corporais para trazer até nós um “novo” herói épico, detentor de virtudes datadas que abrem caminho para a instituição de um *éthos* afinado ao período flaviano. Um denominador comum irmana as contribuições de Mota, Leite e Baptista: eles consideraram a construção do heroico e os preceitos configuradores das epopeias como *constructos* datados, ajustados às circunstâncias históricas de seu presente.

Saltando alguns séculos, Cleber Felipe examinou um poema épico atribuído a Jerônimo Corte-Real cuja matéria baseia-se numa relação de naufrágio, subgênero da história. Sua intenção foi avaliar de que modo uma matéria histórica trágica pode não apenas inspirar o canto épico, como proporcionar deleite aos leitores. Marcelo Lachat, por fim, pesquisa uma “relação” do século XVII e uma epopeia do XIX, com o objetivo de compreendê-las a partir de seus protocolos retórico-poéticos e de tópicos teológico-políticos dotados do poder de justificar as representações hiperbólicas do Rio das Amazonas, um canal que potencializaria a expansão dos reinos ibéricos e, simultaneamente, a catequese dos nativos.

A diversidade de poemas contemplados pelo dossiê, ao cobrir um intervalo de tempo superior a três milênios, descortina um território múltiplo; para ser percorrido, as virtudes acima mencionadas serão imprescindíveis. Somente na posse delas, estaremos habilitados para virar as costas ao espetáculo global e vislumbrar os arcaísmos heroicos que os autores tornaram documentos históricos.

Cleber Vinicius do Amaral Felipe
Organizador do dossiê